

## **A poesia amorosa de Murilo Mendes**

*Luisa de Aguiar Destri*

### **Resumo**

Este trabalho acompanha as continuidades e rupturas no projeto poético de Murilo Mendes, escolhendo como eixo de leitura os poemas amorosos, a que o poeta se dedicou constantemente – embora com tratamento variado ao longo da produção. A seleção temática constitui, mais que recorte, modo de aproximação, pois permite problematizar aspectos decisivos da obra, atentando à trajetória sem privilegiar a perspectiva diacrônica. O retrato das figuras femininas e o investimento no encontro amoroso são discutidos a partir das seguintes tensões: o sensualismo tipicamente modernista; a salvação profana pela mulher, de inspiração surrealista, confrontada pela aposta católica na transcendência; o destino do desejo totalizante diante da especialização da lírica. Essas linhas de força são discutidas a partir da análise de poemas em verso e prosa, com o objetivo de compreender como a poesia de Murilo Mendes colocou e enfrentou a tarefa de responder a seu próprio tempo.

### **Palavras-chave**

Murilo Mendes; poesia; surrealismo; catolicismo; modernismo

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Murilo Marcondes de Moura. É bolsista Capes. E-mail: luisadestri@gmail.com.

Num verso tão perigosamente próximo do sentimentalismo como portador de um programa literário, o poeta formulou: “O amor é minha biografia”. Um rápido passeio pelo conjunto da poesia de Murilo Mendes basta para confirmar que o fragmento pode ser tomado como declaração de princípios. Mais do que isso, em pleno acordo com a sentença, a visada panorâmica revela ser possível contar a partir da temática amorosa a história não do autor, mas de sua poesia.

A primeira aparição de uma figura feminina na obra de Murilo Mendes ocorre em “Cartão postal”, terceiro poema do livro de estreia, *Poemas* (1925-1929): “Passam braços e seios com um jeitão/ que se Lenine visse não fazia o soviete”. Nesse livro, cuja dicção não comporta temas elevados, raramente o amor é mais que índice da vida erótica nacional: “Hoje fui no ônibus com ela pregado na combinação cor-de-rosa,/ adivinhando a carne morena/ que dia a dia vai mudando de tom”.

Em *O visionário* (1930-1933), o retrato da amada como agente inaugural (“O mundo começava nos seios de Jandira”) e do sentimento amoroso como capaz de reunir elementos contraditórios e de estancar a passagem do tempo (“Mulher, tu és a convergência de dois mundos/ Quando te olho a extensão do tempo se desdobra ante mim”) revela a afinidade do poeta mineiro com a aposta surrealista no amor. O eu lírico muriliano reencontra a totalidade no corpo feminino – e no encontro amoroso a força capaz de transformar o mundo.

A mais alta confiança no poder transformador do amor persiste em composições de *As metamorfoses* (1938-1941), livro em que no entanto já se insinua uma grave contradição: como sustentar o ambiente protegido do encontro amoroso quando tudo ao redor aponta para a destruição? Entre este e os livros seguintes – *Mundo enigma* (1942) e *Poesia liberdade* (1943-1945) –, a violência vai aos poucos se instalando no terreno do encontro amoroso, e a temida destruição acaba por sair vitoriosa: as ameaças externas, de que o conflito mundial (1939 – 1945) seria, em termos extraliterários, a representação máxima, tornam insustentável a proteção que os amantes haviam para si reivindicado.

Nesse quadro, o desejo de transcendência aos poucos apresenta sua cobrança.

À medida que avança o anúncio da guerra, intensifica-se a aproximação com a lírica amorosa de extração platônica, com a qual o poeta flertava desde 1934, quando da redação de *Tempo e eternidade* (com Jorge de Lima). A partir de então, o amor sofre considerável perda de atenção, como se verifica já em *Sonetos brancos* (1946-1948), permanecendo timidamente na poesia do autor até retornar com força na prosa, em especial em *A idade do serrote* (1965-1966).

Ao mostrar que o amor foi tema a que Murilo Mendes se dedicou com constância e fidelidade, o esquema revela também que o objeto e a dicção dessa lírica amorosa não foram sempre os mesmos. E, embora breve, sugere que as variações no tema acompanham as rupturas e continuidades da trajetória poética do autor, tornando necessário ao intérprete efetuar esforço antes analítico que classificatório. Em outras palavras, a síntese esquemática mostra que, tratado como *modo de aproximação*, o tema amoroso promete clarear os mais polêmicos aspectos da obra de Murilo Mendes – particularmente aqueles relacionados à personalíssima articulação entre modernismo, surrealismo e catolicismo.

O trabalho procura inicialmente entender as afinidades de Murilo Mendes com o surrealismo – em especial com a espécie de filosofia do amor legada por André Breton (1896-1966) e com a poesia de Paul Éluard (1895-1952). Por meio do diálogo com dois dos autores que no século XX mais investiram no amor como afirmação da liberdade do sujeito, ilumina-se a dimensão utópica dessa poesia muriliana – além de se discutir como a afinidade com a vanguarda francesa determina a peculiar posição do autor no modernismo e na literatura brasileira.

Na sequência, a tendência à interiorização da experiência amorosa é examinada à luz do anúncio de destruição representado pela guerra e da aproximação mais patente com o catolicismo, cuja perspectiva, inclusive histórica, acaba por se instalar. Nesse domínio, convém ao intérprete não se furtar a questionar como uma obra, tendo cantado a rendição por meio da mulher, parafraseia da seguinte maneira o texto bíblico: “O homem é em grande parte culpado dos erros de sua companheira. O homem é o

chefe, a cabeça da mulher. Compete-lhe guiá-la, elevar seu nível de espírito [...]” (fragmento de *O discípulo de Emáus* – 1943).

A contradição, inevitável fonte de interesse, é explorada em sua relação com o projeto poético de Murilo Mendes, e constitui a base para a futura discussão sobre a função que o amor, como centro criador de realidades, pode desempenhar em uma lírica cuja aspiração à totalidade é cada vez mais confrontada pela especialização da arte. Assim, embora parte significativa do trabalho se concentre no que o autor produziu entre as décadas de 1920 e 1940, a proposta é buscar uma perspectiva alargada – seja no que diz respeito ao interior da própria obra, que avança até a década de 1970, seja na particular relação que estabelece com os destinos da arte no século XX.

A comunicação irá apresentar os resultados parciais do trabalho em andamento, esperando assim demonstrar que o estudo das diversas representações amorosas na obra de Murilo Mendes implica questionar as diferentes formas pelas quais essa lírica buscou a sua melhor expressão, inclusive em termos de uma resposta às questões de seu tempo. Nessa proposta o amor quer-se mais que tema a recortar, a exemplo do que o eu lírico certa vez afirmou a respeito de seu afeto: “Toda esta ternura é feita de elementos opostos/ Que eu concilio na síntese da poesia”.

## **Referências bibliográficas**

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.